

Resumo

No presente trabalho estuda-se por um lado a primeira representação de cada um dos conventos de Lisboa, tal como foram registados na segunda gravura com a imagem da capital, publicada em 1598 por Georg Braun no volume V da série *Civitas orbis terrarum*, e por outro mostra-se como esta imagem corresponderá à primeira planta-topográfica de Lisboa preparada talvez cerca de 1567. A referida imagem de Lisboa revela o essencial das linhas de força do urbanismo da cidade no século XVI e apresenta um primeiro e vasto panorama visual do património construído até então, de que apreciamos aqui o caso dos quinze conventos nela representados. ●

Abstract

In this paper, we aim to study not only the first representation of each of Lisbon convents, as they were depicted in the second engraving with the image of capital, published in 1598 by Georg Braun in volume V of the series *Civitas orbis terrarum*, but also the first plant-topographic Lisbon probably sketched up about 1567. This image reveals the essential of the urban city in the sixteenth century and presents a vast visual panorama of Lisbon heritage built until then. We discuss here the case of the fifteen convents represented therein. ●

palavras-chave

CONVENTOS DE LISBOA
CARTOGRAFIA DE LISBOA
LISBOA NO SÉCULO XVI
GEORG BRAUN

key-words

LISBON CONVENTS
CARTOGRAPHY OF LISBON
16TH CENTURY LISBON
GEORG BRAUN

Arbitragem Científica Peer Review

Renata Araújo

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve

Pedro Flor

Universidade Aberta

Instituto de História da Arte – FCSH/UNL

Data de Submissão

Date of Submission

Mar. 2013

Data de Aceitação

Date of Approval

Abr. 2014

A REPRESENTAÇÃO DOS CONVENTOS DE LISBOA CERCA DE 1567 NA PRIMEIRA PLANTA DA CIDADE*

JOSÉ MANUEL GARCIA

Gabinete de Estudos Olisiponenses – Câmara Municipal de Lisboa

Instituto de História da Arte – FCSH/UNL

O processo expansionista iniciado pelos Descobrimientos Portugueses levou a que Lisboa tivesse alcançado no século XVI uma grandeza que a transformou numa das cidades mais famosas do mundo. Foi a imagem dessa cidade cosmopolita que ficou refletida em duas gravuras publicadas por Georg Braun (Georgius Braunius ou Georgio Braunio nas suas formas latinadas) na obra que coordenou e é geralmente denominada *Civitates orbis terrarum*, do título do seu primeiro volume publicado em Colónia em 1572. A primeira das referidas gravuras (fig. 1), intitulada *Lisbona*, surgiu neste volume e mostra a cidade segundo um desenho que talvez ainda tenha sido feito no reinado de D. Manuel (Senos 2005, 65), enquanto a segunda (fig. 2), intitulada *Olisipo quae nunc Lisboa (...)*, foi publicada no quinto volume, denominado *Urbium praecipiarum mundi theatrum quintum*, impresso em 1598 (e não em 1593, como por vezes tem sido datado).

Braun decidiu publicar a segunda imagem de Lisboa porque sabia que tal iniciativa editorial interessava um vasto público e verificara quanto ela evidenciava de forma bem mais completa que a anterior a grandiosidade desta urbe, pois recorreu então a um plano cartográfico que permitia ao leitor entender melhor a sua urbanização do que a simples vista em perspectiva apresentada na gravura anterior.

Perante a panorâmica de Lisboa apresentada na gravura publicada em 1598, Augusto Vieira da Silva não hesitou em afirmar que ela “evidentemente deve ter sido desenhada tendo por base uma planta de Lisboa, hoje desconhecida” (Silva 1950, 15). Também nós partilhamos com este conceituado olisipógrafo a crença na verosimilhança desta possibilidade, tanto mais que a forma do urbanismo quinhentista de Lisboa nela revelada coincide no essencial com os principais traçados viários registados nas plantas que delinearam a cidade antes do terramoto de 1755 (*Cartografia de Lis-*

* O presente trabalho de síntese visa expor de forma transversal matérias de História da Arte, da Cartografia e do Urbanismo de Lisboa e integra-se no âmbito do projeto *Da cidade sacra à cidade laica. A extinção das ordens religiosas e as dinâmicas de transformação urbana na Lisboa do século XIX* aprovado pela FCT (PTDC/CPC-HAT/4703/2012).

¹ O original desta planta perdeu-se mas dela foi feita uma cópia que se encontra no Museu da Cidade de Lisboa tendo sido publicada muitas vezes, nomeadamente em (Garcia 2008, 105-117), onde se podem ver reproduzidos detalhes que permitem a sua boa observação em confronto com os mesmos espaços em fotografias aéreas.

² A planta com 181,5 x 51 cm. aqui referenciada pertence ao *Atlas factício de Barbosa de Machado* que foi levado para o Rio de Janeiro no contexto da ida da corte portuguesa para o Brasil em 1807 encontrando-se atualmente na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro com a cota cart 1044544. A identificação desta obra como representando parte de Lisboa foi feita por Mário Fernandes Gonçalves, que em Abril de 2010 a referiu a Walter Rosa, que entretanto a divulgou, nomeadamente numa conferência realizada a 23 de Novembro de 2012 no *IV Congresso de História da Arte Portuguesa: Homenagem a José-Augusto França*, estando presentemente em fase de estudo.

já que perante as pequenas dimensões da gravura não era possível apresentar nela toda a imensidade das suas ruas e becos. Estamos, pois, perante uma planta que é mais antiga do que a traçada em 1650 por João Nunes Tinoco com parte da cidade, a qual ainda assim não registava todas as ruas nela existentes¹. A planta impressa em 1598 terá sido feita originalmente cerca de 1567, como veremos mais à frente, sendo assim mais antiga não apenas do que a traçada por Tinoco mas também do que a planta de trabalho que ficou anónima e poderá ter sido feita cerca de 1590 e se encontra atualmente na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, na qual se expõe um traçado rigoroso da parte de Lisboa que no século XVI se expandira para ocidente da cerca fernandina até à Junqueira². É de assinalar que esta obra encaixa com o traçado da muralha fernandina da planta de 1650 e ultrapassa para ocidente a zona da cidade retratada na planta publicada por Braun, que vai apenas até à região do convento da Esperança, na atual zona da Avenida D. Carlos.

Para que se tenha uma ideia da relação da planta publicada por Braun (fig. 3) com as referidas plantas de cerca 1590 (fig. 4) e de 1650 (fig. 5) apresentamos aqui a comparação dos troços nelas representadas que envolvem as regiões de Lisboa centradas no sector ocidental da cerca fernandina.

A planta de Lisboa divulgada a partir de 1598 constitui a mais completa fonte iconográfica de entre as que mostram a cidade quinhentista, pois permite visualizar



Fig. 3 – Pormenor da parte ocidental da planta de Lisboa publicada em *Urbium praecipiarum mundi theatrum quintum*, 1598 de acordo com um desenho cujo original poderá datar de cerca de 1567.



a maior parte do seu território, sendo completada por uma notação tridimensional com o desenho dos edifícios que a constituíam, com destaque para as construções mais importantes nela existentes, as quais são acompanhadas de um número que remete para os que se encontram numa legenda. É de notar que esta é a mais extensa das legendas publicadas nas 363 gravuras editadas nas obras de Braun, pois abrange 140 registos, ainda que alguns dessas legendas estejam repetidos e haja números que não estão impressos na imagem. É de notar que tendo as palavras sido escritas em latim por vezes surgem algumas em português para identificar a forma pela qual o respectivo monumento era conhecido, facto que poderá denunciar uma origem portuguesa da informação, embora esta não esteja identificada.

O dado mais importante a destacar na apreciação da gravura de Lisboa aqui equacionada é o de que ela não mostra a cidade como era em 1598, como por vezes é referido, mas sim em data anterior. Com efeito a análise das figurações de monumentos que aí se encontram e das respectivas legendas apontam para a hipótese de estarmos perante um trabalho realizado por volta de 1566 ou 1567, na medida em que nele não há qualquer construção feita depois de 1566. Com efeito será desta última data a edificação da igreja de São Paulo representada nesta planta e que cronologicamente se afigura ser o último edifício então construído que aí foi incluído³. É ainda de ponderar que esta igreja não tem junto a si o número 108 da legenda que a referencia. São também de considerar na atribuição da cronologia



Fig. 4 – Pormenor de planta anónima de Lisboa a ocidente da muralha fernandina que deverá datar de cerca de 1590 (em cima à esquerda).

Fig. 5 – Pormenor da parte ocidental da planta de João Nunes Tinoco de 1650 (em cima), tendo por ponto de referência o traçado comum da muralha fernandina.

³ A propósito da gravura de Lisboa publicada em 1598 Carlos Caetano chamou a atenção para que a igreja de São Paulo “é porventura a estrutura mais moderna aí representada” (Caetano 2004, 237).

aqui defendida dados como o de a igreja de São Roque ser mostrada na forma anterior à da sua atribulada reconstrução iniciada em 1566 ou ainda de estar omisso o registo da pequena ermida de São José de Entre-as-Hortas (depois das portas de Santo Antão), para onde foi transferida em 27 de Abril de 1546 a sede da confraria de São José, a qual passou a ser sede paroquial desde 20 de Novembro de 1567, quando terá sido ampliada (Rio Maior 1954, 5). O autor dos desenhos reproduzidos na gravura não registou essa pequena ermida, ao contrário do que fez das restantes igrejas e ermidas de Lisboa, talvez porque não a tenha considerado relevante, como o teria necessariamente de fazer depois de 1567, quando ela passou a ser a sede de mais uma das freguesias da cidade.

Não devemos deixar de registar que já Nuno Senos admitira 1567 como data limite para esta imagem (Senos 2005, 104).

A possibilidade da planta publicada por Braun, ou daquela em que ele se teria baseado, ter sido feita por volta de 1567 levou-nos a colocar a hipótese de a sua execução ter ocorrido no contexto em que se procedeu ao “Lançamento e serviço que a cidade de Lisboa fez a el-rei nosso senhor o ano de 1565”, isto é, uma iniciativa que consistiu na recolha de um imposto extraordinário cujo registo ficou inscrito num livro concluído em 1567 (*Livro do lançamento* 1947-1948; Grosso 1968). Neste volume revela-se como ele foi preparado tendo em conta todas as pessoas, casas e ruas de cada uma das vinte e cinco freguesias então existentes em Lisboa, nele se registando o que cada um dos seus habitantes pagou da parte que lhe cabia dos “cem mil cruzados com que os povos me serviram”, como foi declarado em nome de D. Sebastião pelo então regente do reino o cardeal D. Henrique. Tendo em conta o processamento dessa tão gigantesca tarefa levada a cabo pelos “avaliadores das fazendas” junto de milhares de pessoas em centenas de ruas poder-se-á ponderar a hipótese de que para facilitar a coordenação de tal esforço se tivesse recorrido a uma planta da cidade, mesmo que simplificada, a qual poderia ter sido aquela que Augusto Vieira da Silva admitiu ser a primeira “planta de Lisboa, hoje desconhecida”. Mas, mesmo admitindo que por qualquer motivo tal planta não tenha então existido, o que é inegável é que a planta esquemática da cidade com o desenho dos seus monumentos, tal como foi gravada em 1598, foi então realizada numa coincidência convergente com a recolha do referido imposto entre 1565 e 1567.

O rico ambiente cultural e artístico de Lisboa nos referidos anos de 1566-1567 aqui considerados foi marcado por realizações importantes de que podemos citar apenas a título exemplificativo os casos da edição da crónica sobre o reinado de D. Manuel, da autoria de Damião de Góis, e a preparação do famoso códice anónimo com a *Memória das armadas*, onde se pintaram as armadas que até então tinham feito a carreira da Índia, a qual foi um dos principais fatores de enriquecimento da cidade. Apesar da elaboração do original da anónima imagem publicada em 1598 ter sido feita provavelmente cerca de 1567 ela apenas chegou às mãos de Braun depois de 1572, visto nesta data ele ter publicado no primeiro volume da sua obra uma imagem de Lisboa que correspondia a um desenho já bastante antigo. Este facto resultava de ele não ter outra fonte mais completa, pois se já tivesse em sua pos-

se a planta de Lisboa que aqui motiva a nossa atenção teria optado por ela e não pela outra. Podemos mesmo considerar que ele só terá tido acesso à nova imagem de Lisboa depois de 1588, pois neste ano Braun publicou o quarto volume da sua obra, não incluindo nela a gravura de Lisboa. Foi por certo depois desta data que ele recebeu uma segunda imagem desta cidade, muito mais detalhada que a primeira, tendo sido então que decidiu imprimi-la no volume seguinte, o quinto. Não nos esqueçamos que a capital portuguesa continuava a ser uma das mais prestigiadas urbes da época devido às importantes atividades ultramarinas que nela se desenvolviam e era então a maior cidade da Península Ibérica. É ainda de notar que relativamente a outra cidade importante como era Sevilha Braun tomou uma atitude idêntica à que teve para com Lisboa, pois publicou uma primeira vista dessa cidade em 1572 e uma planta no volume de 1588. Lembremos ainda que a origem da segunda imagem de Lisboa tinha de ser anterior a 1582, pois nela não estão figurados, nomeadamente, o célebre Torreão do Paço da Ribeira ou a nova igreja de São Vicente de Fora, realizações determinadas por Filipe I de Portugal quando esteve em Lisboa entre 1581 e 1583.

A iniciativa editorial da série de volumes da *Civitates orbis terrarum* tinha por principal objetivo fazer com que “o observador possa ver cada estrada e cada rua assim como todos os edifícios e espaços livres”, sendo a segunda gravura de Lisboa que facultava tais dados da forma mais completa, permitindo ao leitor ficar com um vasto panorama visual georreferenciado do seu património construído.

A riqueza iconográfica contida na representação de Lisboa publicada em 1598 é imensa pois nela se apresenta de forma sistemática o conjunto dos seus mais significativos monumentos tal como existiam cerca de 1567, sendo tanto mais relevante quanto muitos deles só aí são visíveis, já que em grande parte desapareceram na sequência do terramoto de 1755 ou foram reconstruídos com outras formas. Com efeito são raras as fontes onde eles aparecem em tão grande número e clareza, ou então são já mais tardias, como acontece com a notável e grande vista de Lisboa em azulejos que foi feita pouco antes de 1699.

Com o objetivo muito preciso de exemplificar o valor iconográfico e histórico da imagem publicada em 1598 decidimos isolar e apresentar as representações dos quinze conventos / mosteiros de Lisboa que nela são contempladas: São Francisco, Nossa Senhora do Carmo, Santíssima Trindade, São Domingos, Santo Elói, São Vicente de Fora, Nossa Senhora da Graça, São Roque, Santo Antão, Salvador, Nossa Senhora da Rosa, Nossa Senhora da Anunciada, Nossa Senhora da Esperança, Santa Ana e Santa Clara.

A existência deste elevado número de instituições monásticas reflete a grande religiosidade então vivida em Lisboa sendo as mais antigas e importantes das que se iriam manter até ao século XVIII, ainda que seja de considerar terem surgido muitas outras depois de 1567.

Apesar dos monumentos nos serem mostrados em imagens muito simplificadas e terem sido gravadas de forma por vezes algo tosca ainda assim será de admitir que em geral e no essencial as suas volumetrias teriam uma base de verosimilhança

razoável. Corroborar este ponto de vista a observação dos poucos casos em que os traços presentes podem ser confrontados com os de outros desenhos da época, como acontece por exemplo com o caso de São Vicente de Fora na vista coeva de Lisboa que se conserva na Biblioteca de Universidade de Leiden, a qual poderá ter sido traçada cerca de 1550-1570? As formas de dois monumentos podem ser confrontados de maneira elucidativa neste desenho com os da gravura de 1598, como são os casos da Sé e do Hospital de Todos-os-Santos. Na representação deste último monumento é ainda de considerar que a sua imagem publicada em 1598 tem algumas semelhanças com a que se encontra na gravura publicada em 1572.

Representações do Hospital de Todos os Santos

Fig. 6 – Pormenor de uma gravura publicada em *Civitates orbis terrarum*, volume 1, 1572, de acordo com um desenho talvez ainda do reinado de D. Manuel (à esquerda).



Fig. 7 – Pormenor de gravura publicada em *Urbium praecipuarum mundi theatrum quintum*, volume 5, 1598, de acordo com uma planta de cerca de 1567 (à direita)

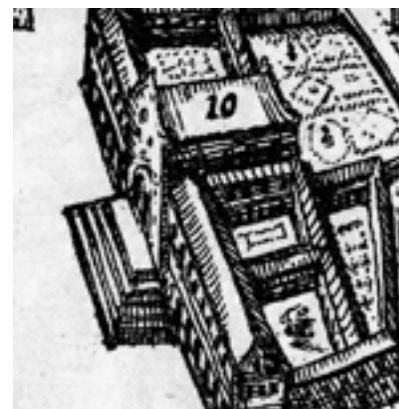


Fig. 8 – Pormenor de uma vista de Lisboa na Biblioteca Universitária de Leiden, cerca de 1550-1570?

Sé de Lisboa



Na apresentação das imagens de cada uma das construções que de seguida vamos assinalar seguimos a sequência da numeração impressa na gravura, a qual regista primeiro os conventos / mosteiros masculinos e depois os femininos, sendo distribuídos entre limites marcados pela implantação dos de Nossa Senhora da Esperança, a ocidente, e Santa Clara, a oriente.

Os detalhes das representações dos quinze conventos na gravura de 1598 são acompanhados de textos muito sintéticos onde, por imposições de espaço, nos limitamos a referenciar rapidamente informações com alguns tópicos essenciais que lhes dizem respeito, começando pela tradução portuguesa da forma como o monumento nela está registado em latim (por vezes com palavras portuguesas) e seguida da indicação da expressão pela qual ele é conhecido e a sua forma oficial; o nome da Ordem religiosa a que pertence; a circunstância de ser masculino ou feminino; dados sobre a sua fundação e eventual reconstrução anterior a 1566, além de outros elementos relevantes⁴.

Fig. 9 – Pormenor de gravura publicada em *Urbium praecipiarum mundi theatrum quintum*, volume 5, 1598, de acordo com uma planta de cerca de 1567 (à esquerda).

Fig. 10 – Pormenor de uma vista de Lisboa na Biblioteca Universitária de Leiden, cerca de 1570 (à direita).

⁴ Face à abundância de bibliografia sobre os conventos / mosteiros de Lisboa limitamo-nos a indicar que parte dela se encontra referenciada nas entradas sobre os monumentos aqui em causa no site: *SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitetónico*.



25 – Mosteiro de São Francisco da Ordem dos Franciscanos

O mosteiro de São Francisco da Cidade, nome pelo qual foi conhecida esta instituição monástica masculina pertencente à Ordem dos Frades Menores (O.F.M.), foi fundado em 1217 no então chamado Monte Fragoso, tendo sido ampliado a partir de 1244 e estando a sua igreja a ser construída em 1246. O conjunto do convento voltou a ser reformado e ampliado fundamentalmente entre 1517 e 1528, ainda que tenha continuado a receber trabalhos nos anos seguintes.



26 – Mosteiro de Santa Maria do Carmo dos Carmelitas

O mosteiro masculino da Ordem do Carmo (O. Carm.) conhecido por do Carmo foi denominado oficialmente por Santa Maria do Monte do Carmo ou Nossa Senhora do Monte do Carmo, sendo uma iniciativa de D. Nuno Álvares Pereira que com ele quis ombrear com a construção do Mosteiro da Batalha por D. João I. Esta realização recebeu autorização papal em 8 de Dezembro de 1386 e a colocação da sua primeira pedra ter-se-á registado em 16 de Julho de 1389, tendo o edifício começado a ser habitado a partir de 1397 por carmelitas vindos de Moura. Os difíceis trabalhos da sua construção decorreram durante os anos seguintes, sabendo-se nomeadamente que em 1407 ficou concluída a capela-mor e absidiolos da igreja, que veio a ser a maior de Lisboa. Foi em 28 de Junho de 1423 que se deu por concluída a parte residencial desta instituição monástica onde o seu fundador professou em 15 Agosto deste ano.



27 – Mosteiro da Trindade

111 – Igreja da Trindade no Mosteiro

O mosteiro masculino da Ordem da Santíssima Trindade para a Redenção de Cativos (O.SS.T), conhecido por Santíssima Trindade ou apenas por Trindade, terá sido fundado em 1218 embora as suas instalações tivessem sido reedificadas a partir de cerca de 1289, tendo a igreja ficado concluída em 1325, sabendo-se ainda que o convento foi reedificado e ampliado a partir de 1561.

28 – Mosteiro de S. Domingos dos Pregadores

O convento masculino da Ordem dos Pregadores (O. P.) conhecido por São Domingos de Lisboa foi fundado em 21 de Outubro de 1241 no sítio então chamado da Corredoura, tendo a primeira pedra da sua igreja sido colocada no fim de Fevereiro de 1242, a qual ficou concluída em 1251, enquanto o restante complexo ficou pronto em 1259. A igreja foi afetada pelo terramoto de 1531 tendo sido reparada até 1566.



29 – Mosteiro de Santo Elói, da Ordem de S. João

O mosteiro masculino dos Cônegos Seculares de São João Evangelista foi chamado de Santo Elói por desde 24 de Abril de 1442 ter sido anexado pelo infante D. Pedro, em nome de D. Afonso V, aos referidos cônegos conhecidos por lóios. Na origem desta instituição está um hospital que terá sido fundado em 11 de Março de 1286, a que se juntou o colégio dos Santos Paulo, Elói e Clemente instituído em 1291 pelo bispo de Lisboa D. Domingos Anes Jardo para o ensino de Cânones e Teologia. Esta instituição teve a sua igreja ampliada para o dobro entre 1463 e 1474.



30 – Mosteiro de S. Vicente dos Cônegos Regulares

100 – Igreja de S. Vicente no mosteiro

O mosteiro masculino dos Cônegos Regantes de Santo Agostinho (C.R.S.A.) consagrado a São Vicente e conhecido por São Vicente de Fora, por ter sido construído no exterior da velha cerca de Lisboa existente aquando da conquista da cidade, terá sido iniciado pouco depois deste acontecimento. Com efeito, aceitando por boa uma inscrição datada de 21 de Novembro de 1147, D. Afonso Henriques mandou ali edificar aquele edifício que se veio a transformar numa importante construção talvez no terceiro quartel do século XII.

O edifício medieval foi-se degradando até que em 1582 foi demolido para em seu lugar se erguer o grande edifício maneirista que ainda ali se conserva. A imagem da construção anterior ficou registada na gravura aqui apresentada, tal como no desenho de Lisboa na Biblioteca da Universidade de Leiden, que também aqui publicamos para nos podermos aproximar da sua antiga forma românica. Em ambos os traçados podem encontrar-se semelhanças manifestas, o que vem corroborar a fidedignidade possível das representações publicadas por Braun.

Na estrutura medieval aqui patente destaca-se uma torre sineira sobreposta por um torreão ameadado com janelas e por um coruchéu.





31 – Mosteiro de Santa Maria da Graça, da Ordem dos Agostinhos

Depois de duas tentativas frustradas para construir um mosteiro masculino da Ordem de Santo Agostinho (O.S.A.) esta acabou por funda-lo em 10 de Fevereiro de 1271 com o apoio de D. Afonso III no sítio denominado Almofala. Em 3 de Maio de 1305, esta instituição foi consagrada a Nossa Senhora da Graça, depois de inicialmente ter sido dedicada a Santo Agostinho.

A igreja original foi demolida para em seu lugar se erguer uma nova cuja primeira pedra foi colocada em 9 de Março de 1556, tendo as suas obras ficado concluídas em 1565.



32 – Colégio de S. Roque dos Jesuítas

A casa professa de São Roque da Companhia de Jesus (S.J.) e a respectiva igreja foi edificada no lugar onde em 25 de Fevereiro de 1515 se concluíra a construção de uma ermida de São Roque, cuja irmandade negociou a passagem da sua posse para os jesuítas. Estes receberam o local em 1 de Outubro de 1552 mas foi apenas em 27 de Junho de 1555 que foi lançada a primeira pedra da casa professa e de uma nova igreja. Esta acabaria por ser destruída em 1566 para ser erguida em moldes maiores estando no essencial concluída em 1573.



33 – Colégio e Escola de Santo Antão dos Jesuítas
87 – Igreja de Santo Antão no Colégio dos Jesuítas
34 – Colégio dos Órfãos. Mosteiro das Freiras

O conjunto de edifícios representados neste detalhe da gravura de 1598 revela alguma imprecisão na localização dos mesmos, como se deduz da circunstância do n.º 34 apontar para o “Colégio dos Órfãos. Mosteiro das Freiras”. Na realidade a referência às freiras indica a circunstância de ali ter estado o convento da Anunciada, que as freiras dominicanas, as únicas que por ali existiram, deixaram em 1539 para irem ocupar o novo convento da Anunciada localizado no atual largo da Anunciada, tendo as suas instalações sido ocupadas pelos jesuítas em 1542.

A alusão ao colégio dos órfãos remete para o Colégio de Jesus dos Meninos Órfãos que foi criado em 1549 e chegou a estar sob a alçada espiritual da Companhia de Jesus, tendo mesmo uma comunicação direta com o vizinho Colégio de Santo Antão desta instituição.

Quanto ao desenho do monumento n.º 33, relativo ao “Colégio e Escola de Santo Antão dos Jesuítas”, verifica-se que ele está diretamente relacionado com o

do n.º 87, onde se apresenta a “Igreja de Santo Antão no Colégio dos Jesuítas”, e, no entanto, estas construções estão um pouco afastadas uma da outra, o que talvez revele ter havido pouco rigor na gravação do desenho original, pois poderá admitir-se que neste não teria havido uma separação entre o local da igreja e o do colégio, por ela não existir.

O conjunto aqui em causa e ficou conhecido por Santo Antão-o-Velho e teve uma história complexa que começou pela circunstância de o local ter sido ocupado pela mesquita da mouraria de Lisboa até 1496. Em 1511, D. Manuel mandou transformar essas instalações num mosteiro com a invocação de Nossa Senhora da Anunciada, no qual em 12 de Novembro de 1519 deram entrada freiras dominicanas. Em 22 Fevereiro de 1538, as dominicanas trocaram com a Ordem de Santo Antão o edifício aqui em causa que elas não apreciavam, por um outro que igualmente se veio a chamar de Nossa Senhora da Anunciada, para onde se mudaram em 1539. O anterior convento foi então ocupado pela Ordem de Santo Antão, facto que levou a que ele passasse a ser conhecido por este nome. O edifício, contudo, logo ficou devoluto, o que levou a que em 5 de Janeiro de 1542 tivesse passado a receber membros da Companhia de Jesus, que ali instalaram a sua primeira casa no mundo. Em 18 de Outubro de 1553, este edifício passou a ser o Colégio de Santo Antão, tendo-se os jesuítas mantido no local até 8 de Novembro de 1593, altura em que se transferiram para um outro Colégio de Santo Antão (no sítio do atual Hospital de São José), que por isso passou a ser conhecido por Santo Antão-o-Novo, para o diferenciar do anterior colégio, que passou a ser designado como Santo Antão-o-Velho, ou “Coléginho”.

35 – Mosteiro do Salvador

96 – Igreja do Salvador com Mosteiro das freiras

Em 1229, já existia a capela do Salvador da Mata, que servia de templo paroquial até que em data não determinada, talvez em meados do século XIII; se construíram umas casas anexas a esse edifício para onde foram residir algumas devotas beatas. Tais casas vieram a ser transformadas num mosteiro feminino da Ordem dos Pregadores (O.P.) conhecido por Salvador, o qual foi fundado em 1391, tendo as referidas devotas aceite passar a ser dominicanas em 29 de Novembro de 1392. O mosteiro veio a receber obras patrocinadas por D. Leonor, mulher do rei D. Duarte, as quais foram concluídas em 1438.

De assinalar que os números 35 e 96 não foram inscritos na gravura de 1598 para identificar os respectivos monumentos, sendo por isso necessário determinar a sua localização por dedução.





36 – Mosteiro de Nossa Senhora da Rosa

O mosteiro feminino da Ordem dos Pregadores (O.P.) denominado Nossa Senhora da Rosa (ou do Rosário) começou a ser construído em 1519 tendo recebido as primeiras religiosas em 21 de Novembro de 1521.



37 – Mosteiro de Nossa Senhora da Anunciada (*Nunciada*)

O mosteiro feminino da Ordem dos Pregadores (O.P.) denominado Nossa Senhora da Anunciada, localizado no sítio do Largo da Anunciada, foi assim chamado desde que em 1539 recebeu as freiras dominicanas que no ano anterior haviam trocado com a Ordem de Santo Antão o mosteiro que tivera o nome de Nossa Senhora da Anunciada na Mouraria, como vimos ao tratar de Santo Antão. O novo mosteiro da Anunciada correspondia a um edifício que havia sido erguido em 1400 tendo as suas instalações sido reedificadas depois de 1539 graças ao patrocínio de Fernão Álvares de Andrade.



38 – Mosteiro de Nossa Senhora da *Esperança*

109 – Igreja de Nossa Senhora da *Esperança* no Mosteiro das Freiras

O mosteiro feminino da Ordem dos Frades Menores (O.F.M.) sob a invocação de Nossa Senhora da Piedade da Boavista, que ficou conhecido por Nossa Senhora da Esperança, do nome de uma das suas capelas, foi autorizado por bula de 16 de Janeiro de 1524 mas as obras para a sua construção só começaram em 1527 até que em 25 de Outubro de 1535 entraram no convento as primeiras freiras.

39 – Mosteiro de Santa Ana

113 – Igreja de Santa Ana no Mosteiro

A decisão de construir o mosteiro feminino das terceiras regulares da Ordem dos Frades Menores (O.F.M) denominado de Santa Ana foi tomada em 21 de Julho de 1561 por vontade de D. Catarina, viúva de D. João III. Esta construção realizou-se junto da já existente ermida de Santa Ana, e para ela foram viver as penitentes de um recolhimento que havia sido fundado em 1543, recebendo ordem de clausura em 2 de Julho de 1562.



40 – Mosteiro de Santa Clara

O mosteiro feminino de Santa Clara de Lisboa da Ordem dos Frades Menores (O.F.M.) foi fundado em 4 de Agosto de 1288 e foi projetado para ficar por trás da capela-mor do mosteiro da Trindade mas a sua construção acabou por se iniciar em 1290 num local que veio a ficar conhecido por Campo de Santa Clara. Em 1 de Fevereiro de 1292, o convento foi entregue às primeiras monjas e em 7 de Setembro de 1294 foi lançada a primeira pedra da sua igreja. ●



Bibliografia

CAETANO, Carlos. 2004. *A ribeira de Lisboa na época da expansão portuguesa (séculos xv a xviii)*, Lisboa, Pandora.

CARTOGRAFIA de Lisboa: séculos xvii a xx: catálogo de exposição. 1997. Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.

GARCIA, José Manuel. 2008. *Lisboa do século xvii “a mais deliciosa terra do Mundo”:* imagens e textos nos quatrocentos anos do nascimento do padre António Viera, Lisboa, Gabinete de Estudos Olisiponenses / Câmara Municipal de Lisboa.

GROSSO, José Magno Santos Pereira. 1968. *Demografia profissional da cidade de Lisboa na segunda metade do séc. xvi: subsídios para o seu estudo*, Lisboa, tese de licenciatura policopiada apresentada na Universidade de Lisboa.

Livro do lançamento e serviço que a cidade de Lisboa fez a El Rei Nosso Senhor no ano de 1565. 1947-1948. 4 volumes, Lisboa, Câmara Municipal.

RIO MAIOR, Marquês de. 1954. *A igreja paroquial de S. José da Anunciada: resumo da sua história*, separata da *Revista municipal*, n.º 57 e 58.

SENOS, Nuno. 2002. *O Paço da Ribeira: 1501-1581*, Lisboa, Editorial Notícias.

SILVA, Augusto Vieira da. 1950. *Plantas topográficas de Lisboa*, Lisboa, Câmara Municipal.